

ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Pedro Márcio Pinto de Oliveira
(Organizadores)



ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Pedro Márcio Pinto de Oliveira
(Organizadores)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Antropologia: visão crítica da realidade sociocultural

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Pedro Márcio Pinto de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A636 Antropologia: visão crítica da realidade sociocultural / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Pedro Márcio Pinto de Oliveira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-463-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.631210809>

1. Antropologia. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Oliveira, Pedro Márcio Pinto de (Organizador). IV. Título. CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Caros leitores, saudação.

Esse novo cenário social incentiva-nos a (re) visitar determinados paradigmas da ciência e da educação face a crise científica que abre muitos debates no eixo temático das diferenças. Dado o debate atual sobre as transformações sociais e a percepção de que há uma ênfase cada vez maior no centro cultural como base para a análise deste momento histórico, a antropologia torna-se imprescindível na medida em que contribui para o debate sobre a contradição da função social na modernidade. A escola caracterizada pela preocupação de uma resposta rápida às demandas dos diversos setores e obcecada pela acumulação de capital, e pela educação dos cidadãos para se integrarem criticamente à vida pública como meio de contribuir para a transformação das desigualdades nessa sociedade democrática. (OLIVEIRA, 2017). À luz dessa primeira reflexão, o livro: - “Antropologia: Visão crítica da realidade sociocultural” é uma contribuição dialógica que que ancora trabalhos realizados em contextos diversos, dentro e fora do Brasil. Trabalhos esses, que utilizam a lupa da antropologia para discutir de forma crítica sobre temas que atravessam a realidade sociocultural de seus contextos. Essa rica discussão vocês leitores poderão contemplar, nos nove textos que compõem esta obra. Com isso, desejamos a tod@s excelentes leituras e reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Elisângela Maura Catarino

Pedro Márcio Pinto de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A INCLUSÃO ESCOLAR VOLTADA PARA CRIANÇAS E JOVENS DIAGNOSTICADOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Rodrigo Regert

Carine Alves dos Santos

Genecis Perachi da Silva

Joel Haroldo Baade

Arã Paraguassú Ribeiro

Adelcio Machado dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108091>

CAPÍTULO 2..... 6

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL: RACISMO

Regina Maria Teles Coutinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108092>

CAPÍTULO 3..... 14

ANTHONY GIDDENS E REINHART KOSELLECK: A TRANSIÇÃO PARA A MODERNIDADE EXPERIMENTADA ATRAVÉS DA RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL

Julia Martins Tiveron

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108093>

CAPÍTULO 4..... 24

CONDIÇÕES DE VIDA E SAÚDE EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PANTANAL MATO-GROSSENSE (MT, BRASIL)

Sueli Pereira Castro

Mariel Maróstica Fernandes

Nayara Marcelly Ferreira

Natalia Oliveira Defende

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108094>

CAPÍTULO 5..... 40

PENSAMIENTO EMOCIONAL Y PANDEMIA. CRECIENDO DE CORAZÓN Y MIRANDO HACIA LA TRANSFORMACIÓN

Esperanza Meseguer Navarro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108095>

CAPÍTULO 6..... 44

ESPAÇOS SUBALTERNOS E IMAGINÁRIOS DIASPÓRICOS NO CAIS DO VALONGO

João Gabriel Rabello Sodré

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108096>

CAPÍTULO 7	73
UMA ANÁLISE DO HABITUS DA CLASSE CAPITALISTA Manoella Treis  https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108097	
CAPÍTULO 8	82
QUEM TEM MEDO DO INUMANO? AS REPRESENTAÇÕES DE HUMANIDADE E ANIMALIDADE NA LITERATURA DE FRANZ KAFKA Camila Giesz Bortolin Maria Suely Kofes  https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108098	
CAPÍTULO 9	102
<i>MIRAÇÃO</i> : EXPERIÊNCIA, MAGIA E ESCRITA SOBRE O TRANSE AYAHUASQUEIRO DE XAMÃS URBANOS Carolina de Camargo Abreu  https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108099	
SOBRE OS ORGANIZADORES	119
ÍNDICE REMISSIVO	121

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL: RACISMO

Data de aceite: 01/09/2021

Regina Maria Teles Coutinho

Professora Doutora pela PUC – SP, Mestrado em Educação. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí

RESUMO: O estudo em pauta tem por objetivo desvelar e analisar as causas e efeitos que caracterizam o racismo em uma sociedade de desiguais, em que uns seres humanos, terminam por se considerarem como superiores, pois pertencem às camadas sociais mais favorecidas representadas por gênero, clero, raças, dentre outras. A problemática do racismo em uma sociedade formada pelo multiculturalismo, nos leva ao questionamento: O que leva os homens se tratarem como seres superiores? Seria falta de conhecimento de sua gênese? Ou seja, de sua origem? Seria de consciência crítica coletiva? Esses questionamentos remetem a uma reflexão de que não há educação que não esteja imersa nos processos culturais e que o racismo precisa ser erradicado, tendo a diversidade como algo que fortalece, que nos faz crescer. Ideias diversas, olhares diversos sobre uma situação-problema nos fortalecem levando a uma formação integral, pois o somatório de culturas diversas, ocasiona uma formação mais integral, bem como mais humanística, entendendo de acordo com Sacristán (2001, p. 23) que a diversidade na educação é ambivalência, porque é desafio a satisfazer, realidade com a qual devemos

contar e problema para o qual há respostas contrapostas. É uma chamada a respeitar a condição da realidade humana e da cultura, forma parte de um programa defendido pela perspectiva democrática, é uma pretensão das políticas de inclusão social e se opõe ao domínio das totalidades únicas do pensamento moderno, aspirações básicas do programa pró-diversidade nasce da rebelião ou da resistência às tendências homogeneizadoras provocadas pelas instituições modernas regidas pela pulsão de entender um projeto com fins de universalidade que, ao mesmo tempo, tende a provocar a submissão que, ao mesmo tempo, tende a provocar a submissão do que é diverso e contínuo, normalizando-o e distribuindo-o em categorias próprias de algum tipo de classificação. Nessa perspectiva, o espaço escola funciona como um ambiente de cruzamento de várias culturas, onde permeiam conflitos, tensões e problemas de várias tipologias.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Diversidade Cultural. Educação.

EDUCATION AND CULTURAL DIVERSITY: RACISM

ABSTRACT: The study in question aims to unveil and analyze the causes and effects that characterize racism in a society of unequals, in which some human beings end up considering themselves as superior, as they belong to the more favored social strata represented by gender, clergy, races, among others. The issue of racism in a society formed by multiculturalism leads us to the question: What makes men treat themselves as superior beings? Was it lack of knowledge of its

genesis? That is, from its origin? Could it be of collective critical conscience? These questions lead to a reflection that there is no education that is not immersed in cultural processes and that racism needs to be eradicated, with diversity as something that strengthens, that makes us grow. Different ideas, different views on a problem-situation strengthen us, leading to an integral formation, as the sum of diverse cultures causes a more integral formation, as well as a more humanistic one, understanding according to Sacristán (2001, p. 23) that Diversity in education is ambivalence, because it is a challenge to be met, a reality we must rely on and a problem to which there are opposing answers. It is a call to respect the condition of human reality and culture, it forms part of a program defended by the democratic perspective, it is a pretension of social inclusion policies and opposes the dominance of the unique totalities of modern thought, basic aspirations of the pro- diversity is born from rebellion or resistance to the homogenizing tendencies provoked by modern institutions governed by the drive to understand a project with universality goals that, at the same time, tends to provoke submission that, at the same time, tends to provoke the submission of what is diverse and continuous, normalizing it and distributing it into categories proper to some type of classification. From this perspective, the school space works as an environment for the crossing of various cultures, where conflicts, tensions and problems of various types permeate.

KEYWORDS: Racism. Cultural diversity. Education.

1 | INTRODUÇÃO

A educação como instituição social promotora de desenvolvimento do homem em suas dimensões humanística, social, cultural, política, dentre outras, deve pautar-se na democracia, dando tratamento equitativo a todos os cidadãos. Entretanto, vivemos em um país de grande segregação social, em que as discriminações e preconceitos de todos os tipos teimam em manchar o seu cenário, onde os cidadãos fazem distinção entre seus semelhantes, estabelecendo as vezes, verdadeiros abismos, quanto à condição sócio-econômica, de gênero, raça, clero, dentre outras, como se fossem superiores. Essa desigualdade social, de tratamento diferenciado, enfraquece a democracia, retirando direitos inatos dos sujeitos-cidadãos.

Não vendo a natureza do homem como ser histórico e racional. Um ser racional, objetivamente dado, raiz de toda sociedade, independentemente da forma como ela se autogoverna ou se estrutura (SOUSA, 2007, p. 7).

Nesse particular, a educação tem papel preponderante na aceitação da diversidade, no combate a todo tipo de discriminação, visando o progresso, o conhecimento, a participação ativa, a aceitação do multiculturalismo, do pluralismo de ideias e pensamentos diferentes, que só enriquecem o diálogo, quando trazem para o centro dos discursos, os considerados diferentes, integrando-os ao meio social.

De acordo com Sousa (2007), as interações entre as diversidades não são arbitrárias. Elas se organizam de acordo com as relações de forças manifestas nas situações históricas concretas (países fortes versus países fracos, transnacionais x governos nacionais;

civilização ocidental x mundo islâmico; estado nacional x grupos indígenas (SOUSA, 2007, p. 14 e 15).

Essas relações antagônicas se comunicam e se completam na diversidade.

Nos reportando para a sala de aula, para ação educativa, vemos o quão é importante a intervenção do professor como intermediador do diálogo entre os povos.

No entendimento da especificidade inerente a formação docente, que o ensino visa fazer uma formação integral do indivíduo com formação atendendo sempre os pilares da educação: ser, saber, saber fazer e saber agir, aprender, que faça ressonância com o ensino ministrado.

Entendendo de acordo com Perrenoud (1998, p. 26), que o professor é um profissional da aprendizagem e da regulação interativa em sala de aula.

Na interatividade, na relação harmônica em sala de aula dos agentes educativos, onde a comunicação seja essencial nos atendimentos aos pilares citados.

Portanto, o que torna as tarefas do ensino específicas é o fato de que estas cobrem dois campos de práticas diferentes, mas interdependentes: por um lado, o da gestão da informação, da estruturação do saber pelo professor e de sua apropriação pelo aluno, que é o domínio da Didática; por outro lado, campo do tratamento e da transformação da informação transmitida como saber para o aluno através da prática relacional, e as ações do professor para colocar em funcionamento condições de aprendizagem adaptadas, que é o domínio da Pedagogia (PERRENOUD, 1998, p. 27).

Como a temática estudada é de grande significância e abrangência, teremos como foco o racismo, que infelizmente, teima em permanecer entre nós, apesar da abolição de Lei Áurea promulgada em 1888, ou seja, após 133 anos de sua promulgação em que a liberdade seria algo inerente a todo cidadão brasileiro sem distinção.

2 | EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL: RACISMO

Vivemos em uma sociedade plural, permeada pelo multiculturalismo, que enriquece nosso diálogo, nossa formação, pois o multiculturalismo, essa gama de culturas em educação, envolve, necessariamente, estudos e pesquisas, mais também políticas públicas comprometidas com a formação integral do cidadão, sem discriminações, de nenhuma classe social.

Após mais de um século (1888), ficou internalizado no inconsciente coletivo da sociedade brasileira, como atitudes, comportamentos que marginalizam as pessoas negras, dificultando sua inserção na sociedade, não contribuindo para o exercício de sua cidadania plena.

Então, no enfrentamento dos obstáculos é necessário ser resiliente para sair fortalecido diante de situações adversas. Entendendo por resiliência, de acordo com Ulrike Bosst, a capacidade de construir relacionamentos incentivadores e de conseguir o apoio de

pessoas ou instituições, pois pessoas resilientes não se vêem como vítimas, mas assumem a responsabilidade por seu próprio destino.

Dando continuidade a essa reflexão, apresentaremos algumas concepções do que seja racismo: 1. O racismo é geralmente considerado o comportamento ou as atitudes manifestados por determinados indivíduos os grupos, gerando o racismo motivacional ou estrutural que sugere que o racismo permeia todas as estruturas da sociedade de um modo sistemático. 2. Racismo – como um conjunto de convicções de um pequeno número de indivíduos, os quais revelam traços psicológicos particulares. Em contraste, muitas interpretações sociológicas procuram situar as causas do racismo e do preconceito na cultura ou nas estruturas da própria sociedade. 3. Racismo é um fenômeno complexo e multifacetado que envolve a interação das identidades e das convicções das minorias étnicas e da classe trabalhadora.

E entendendo de acordo com Gimeno Sacristan (2001, p. 123 – 124) que “a diversidade na educação é ambivalente, porque é desafio a satisfazer, realidade com a qual devemos contar e problema para o qual há respostas contrapostas. É uma chamada a respeitar a condição da realidade humana e da cultura, forma parte de um programa defendido pela perspectiva democrática, é uma pretensão das políticas de inclusão social.

Nessa inclusão social, todos são iguais, o que os diferencia são suas potencialidades, suas ideias, ou seja, suas diferenças individuais que juntos enriquecem a comunicação, o diálogo, formando um todo complexo, mas enriquecedor para o desenvolvimento de todos e conseqüentemente para o desenvolvimento social.

Nesse particular, ver as instituições educacionais como espaço promotor de culturas advindas de conflitos e de tensões.

Para Perez Gómez (1994; 2001) “as instituições escolares devem ser concebidas como um espaço ecológico de cruzamento de culturas, cuja responsabilidade específica que a distingue de outras instâncias de socialização e lhe confere identidade e relativa autonomia é a mediação reflexiva daquelas influências plurais (2013, p. 15).

2.1 Educação, diversidade cultural e racismo estrutural

Entendendo o racismo estrutural como essa a naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro, e que promovem, direta ou indiretamente a segregação ou o preconceito racial. Um processo que atinge de forma injusta a população negra.

Na sociedade brasileira foram instituídas expressões que ficaram normalizadas frases e atitudes de cunho racistas e preconceituosas. São piadas que associam negros e indígenas a situações vexatórias, degradantes ou criminosas. Ou atitudes baseadas em preconceitos como desconfiar da índole de alguém pela cor de sua pele, ou seja, por ser negro é um suspeito em potencial.

Outra forma comum do racismo é a adoção de eufemismos para fazer referência a

negros ou pretos, como as palavras “moreno” e “pessoa de cor”. Essa atitude evidencia um desconforto das pessoas, em geral, ao utilizar as palavras “negro” ou “preto” pelo estigma social que a população negra recebeu ao longo dos anos e que foram internalizadas reforçando essa prática social ao longo do tempo.

No Estado e nas leis que alimentam a exclusão da população negra e materializam, por exemplo, na ausência de políticas públicas que possam promover melhores condições de vida a essa população, maior integração, conscientizando que a cor da pele não diferencia ninguém dando equidade de tratamento a todos.

As questões raciais são estruturantes porque fazem parte da construção da nossa sociedade. As subjetividades inerentes a cada ser humano com suas atitudes e comportamentos diferenciados, em que preconceitos, por exemplo – acabam construindo as relações sociais que estabelecemos. E essas relações estão impregnadas de uma construção histórica equivocada, que mantém a população negra em posição de subalternidade, de inferioridade.

Então de acordo com o filósofo Sílvio Almeida, autor do livro “O que é racismo estrutural”, longe de ser uma anomalia, o racismo é “o normal”; “independentemente de aceitarmos o racismo ou não, ele constitui as relações no seu padrão de normalidade”. Esse equívoco de narrativa resulta na desvalorização da cultura, intelecto e história da população negra. Mina suas potencialidades e, principalmente, aumenta o abismo criado por desigualdades sociais, políticas e econômicas. É um problema evidenciado por números. No Brasil, pessoas negras são mortas com mais frequência que pessoas não negras: os negros representam 75% das vítimas de homicídio, segundo o Atlas da Violência de 2019. São maioria, também, em meio à camada mais pobre da população: dos 10% de brasileiros mais pobres, 75% são negros, segundo o IBGE. Para falar sobre os efeitos do racismo na sociedade brasileira é preciso encará-lo como um fenômeno essencialmente transversal. É preciso entender que ele forma uma teia de violências que afeta jovens, homens e mulheres encarceradas e encarcerados; que define os mecanismos que regem o tráfico de mulheres e meninas, que afeta a vida da população LGBTQI+, da população quilombola e ribeirinha, e que explica o preconceito contra as religiões de matriz africana ameaçando seu direito de existir.

3 | EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL – RACISMO – ASPECTOS LEGAIS

A diversidade cultural é um tema complexo e muito polêmico, em que a educação como célula magna e propulsora do desenvolvimento se faz necessária para contribuir com a formação do cidadão de forma crítica, ética e empática. Entendendo que não faz sentido, no terceiro milênio, em pleno século XXI, ver irmãos se diferenciando pela cor da pele, opção sexual, dentre outras opções.

Então, para corrigir tais distorções, foi feita a alteração da Lei 9.394/96 – Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em que foi criada a Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão da disciplina: História da África e da cultura Afro-brasileira, nos currículos de ensino públicos e particulares da educação básica.

A Lei 9.394/96, passa a vigorar acrescidas dos artigos 26 – A, 79 – A e 79 B;

A Lei 10.639, uma medida de ação afirmava que torna obrigatória a inclusão do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos dos Estabelecimentos de ensino públicos e particulares da Educação Básica:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira (Incluído pela Lei 10.639, de 09/01/2003).

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras Brasileira (Incluído pela Lei 10.639, de 09/01/2003).

“Art. 79-A (VETADO) (Incluído pela Lei 10.639, de 09/01/2003).

“Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra (Incluído pela Lei 10.639, de 09/01/2003).

Trazendo para o momento atual, em pleno Dia Nacional da Consciência Negra – 20 de novembro de 2020 em um shopping de São Paulo, um homem de cor negra é espancado e assassinado à luz das câmaras de televisão. Como vemos uma demonstração de selvageria e desrespeito a dignidade humana.

Entretanto, o autor se posiciona para registrar as resistências decorrentes da implantação da Lei 10.639/03 e das iniciativas do Ministério da Educação, do Movimento Negro e dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros para sua implementação, ainda encontramos muitas resistências das secretarias estaduais, municipais, escolas e educadores(as) à introdução da discussão que apresenta (MOREIRA, 2013, p. 89).

E continua o citado autor “[...] a democracia estará mais próxima das vivências concretas dos diferentes sujeitos sociais e de sua luta pela construção da igualdade social que incorpore e politize a diversidade. É nesse contexto que emerge a Lei 10.639/03” (p. 70).

Essa igualdade social será possível com muita resiliência dos atores sociais na luta pelos direitos de cidadania plena que deveria se alto inato. Mas, existe como obstáculo ao racismo, a desinformação, a ignorância quanto ao conhecimento de nossa gênese, de nossa origem, quem foram os povos, as civilizações que contribuíram para nosso surgimento. Tudo isso, para promoção de uma consciência coletiva pautada em uma política social que

vise a unicidade das raças.

Portanto, necessário se faz ressignificar as atitudes, o diálogo, a comunicação dos atores sociais como foco principal de integração, de inclusão de todos como partes imprescindíveis na construção da sociedade.

Nesse sentido, respeitando as diversidades multiculturais tão salutar no processo de construção do conhecimento, como alvo vitalício, vendo o outro como igual, portador de saberes e experiências que somam com outras potencialidades, formando um todo único e complexo.

Portanto, as diversidades culturais não podem ser ignoradas por educadores, pois corre o risco de distanciamento da escola com a sociedade civil organizada.

4 | EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL: A RESILIÊNCIA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Com base nos pressupostos que os diversos modelos desenvolvimentistas defendem, quer se centrem na globalidade ou em outro aspecto particular do funcionamento humano, busca-se sempre a igualdade, a unicidade dos seres humanos.

É igualmente verdade que são os indivíduos cujas histórias de vida surgem como mais difíceis e sinuosas que, por vezes, conseguem atingir uma maior sabedoria e aprofundar o significado pessoal das suas existências no contexto da sua realidade concreta, são eles também que, de um modo geral, evidenciam características de personalidade que permitem identificá-los com as descrições que autores como Loevinger, Kohlberg, Hunt e Fowler, fazem das etapas finais do desenvolvimento humano (NOAM, 1996; NOAM; FISCHER, 1996).

Parece ser lícito por em causa a ideia de efetivos patamares de equilíbrio, por vezes associados às quase utópicas fases últimas estabelecidas pelas teorias do desenvolvimento psicológico, pois que o parece verificar-se é a presença de uma contínua instabilidade e mesmo a existência de eventuais rupturas, levando a hipótese de uma incensante reconstrução do núcleo do self durante todo o percurso de evolução dos indivíduos (NOAM; FISCHER, 1996).

Todavia, para melhor explicitar a natureza desta situação, é útil distinguir entre fatores de estrutura e fatores processuais. Nesse sentido, parece facilitar o entendimento da questão da analogia fornecida por Lazarus (1977) ao relacionar a realidade psicológica e o mundo físico. Este autor recorre para isso ao enquadramento ambiental, no qual é possível identificar padrões geológicos, em que as estruturas – colinas, leitos de rios, etc, seriam características relativamente estáveis, portadoras de resiliência.

5 | CONSIDERAÇÕES PARCIAIS: A REFLEXÃO CONTINUA

Fazer uma reflexão sobre o racismo será tema sempre inconclusivo, enquanto os sujeitos sociais não forem portador de uma consciência coletiva, que tendo por alicerce a contribuição da educação formal e informal que forme o cidadão para conscientizar-se dos seus direitos, da igualdade no conhecimento de sua gênese, de sua origem.

Nesse processo de formação, as instituições educacionais, os sindicatos, as igrejas, sejam também, co-partícipe desse processo de formação da consciência crítica, e conseqüentemente a uma consciência coletiva.

Nessa perspectiva, a educação conjuntamente com outras ciências humanas e sociais devem evoluir juntamente com a humanidade gerando atitudes e pensamentos que venham alavancar mudanças nesse processo de erradicação do racismo vendo todos equitativamente como seres humanos produtivos e o professor tem papel preponderante, pois, ser professor é ser amigo, psicólogo, mestre e exemplo em um único indivíduo no combate ao preconceito e discriminações contra nossos irmãos, não diferenciando-os pela cor da pele, pela opção sexual, de credo e outras, algo inerente a cada indivíduo sem considerar sua formação pessoal, profissional e como agente produtores de saberes que enriquecem a sociedade civil organizada. Um ser produtor/receptor de conhecimentos que enriquecem, que transformam a si e ao outro num processo interativo.

REFERÊNCIAS

BERNDT, Christina. **Resiliência: o segredo da força psíquica**. Petrópolis: Vozes, 2018.

COUTINHO, Regina Maria Teles. **Ensino Superior**. Em busca do Processo Interdisciplinar. Teresina: Gráfica do Povo, 2017.

GIMENO-SACRISTÁN. Currículo e diversidade cultural. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Orgs). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PÉREZ GÓMEZ, A. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (org). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MONTEIRO, Solange Aparecida (org.). **Educação a distância na Era Covid – 19: Possibilidades, delimitações, desafios e perspectivas**. Paraná: Atena, 2020.

PERRENOUD, Pierre. **A transposição didática a partir da prática dos saberes a competências**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Ortiz Belo de. **Revelação: abertura do mistério**. São Paulo: Nova Palavra, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

América Afro-Latina 44

Anthony Giddens 14, 15, 16, 19, 21, 23

Arqueologia 44

C

Capital cultural 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81

Capitalista 73, 74, 77, 78, 79, 80

Comunidades Quilombolas 24, 38

Condições de saúde 24, 26, 27, 32, 35, 36, 37

Condições de vida 10, 24, 26, 28, 37, 39

D

Diáspora Africana 44, 45, 47, 59, 61, 62, 63, 66

Discriminação histórica 24, 37

Diversidade cultural 6, 8, 9, 10, 12, 13

E

Educação 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 26, 31, 37, 38, 73, 81, 100, 106, 119, 120

Empresários 48, 73, 78, 79

Ensino regular 1, 3, 4, 5

Escravidão 44, 46, 49, 50, 52, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 71

Escrita 52, 102, 110

Estudos Afro-Brasileiros 11, 44

Experiência 14, 15, 17, 18, 19, 21, 29, 54, 84, 85, 86, 90, 95, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119

H

Humanidade e animalidade 82, 83, 100, 101

I

Inclusão 1, 2, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 45, 50, 80, 120

L

Literatura 11, 45, 47, 50, 82, 83, 85, 86, 100, 101, 117, 120

M

Magia 102, 104, 110, 117

Memorialização 44, 47, 57, 59, 60, 62, 63

Modernidade 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 48, 107

P

Pandemia 40, 42

R

Racismo 6, 8, 9, 10, 11, 13, 49, 58, 59

Reflexividade 14, 19, 20, 21, 22, 112

T

TEA 1, 2, 3, 5

Tradição 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 61, 77, 80, 107

Transe 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116

Transtorno do espectro autista 1, 2, 3, 4, 5

ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

